

A Ciência e os caminhos do desenvolvimento

Era uma vez... professores barqueiros e navegantes do mar de experiências urbanas

Felipe Aguiar, Antonio Bernardes

A cidade e os cidadãos só são possíveis em conjunto, é na cidade que os cidadãos se fazem cidadãos e, é para eles que a cidade se levante como cidade. Morar, visitar, ter lazer ou desprazer, esses são modos de existir na cidade, de torna-la experiência do corpo. Quem vive ou da vida a cidade? A essa pergunta, responde-se: o ser humano. Construindo lugares, o ser que é sempre no mundo, a ele se une, através da situação que já se encontra, vindo a ser um ser-no-mundo, existindo assim, sempre em situação. O ser-no-mundo se ocupa do mundo mais próximo de si, do que é circundante e nunca distribui lugares, mas constrói. Construindo lugares o ser-no-mundo não dá vida a cidade e muito menos vive a cidade, ser e estar na cidade é existir em situação, viver nesse ou naquele bairro, dispor desse ou daquele serviço. Desse modo, o ser-no-mundo não pode viver a cidade ou dar vida a ela, pois ele é a cidade, à medida que sua existência se constitui na habitação que os lugares da cidade lhe concedem. Lugares são situações existenciais, uma escola pode ser um ótimo lugar no recreio, se os amigos estão lá para compartilhar a experiência daquele mundo, do mesmo modo que a sala de aula pode ser um péssimo lugar se os amigos não estão presentes naquela situação. A existência dá-se então em concomitância com a construção dos lugares e, portanto, de sua habitação. Existir só se torna possível através do habitar e em uma cidade habitamos diferentes lugares. Portanto, as possibilidades de existir na cidade são inúmeras, pois cada ser-no-mundo habita de forma peculiar. Compartilhar as formas de habitar é um modo de dividir com o outro a forma particular em que cada ser-no-mundo se constitui enquanto cidadão e constitui a cidade enquanto habitação. O “era uma vez...” é a abertura para se contar uma história, para permitir que o outro navegue no mar de experiências sobre a cidade que a linguagem pode proporcionar. Pela contação de história o professor barqueiro navega nas ondas do rio experiências cidadinas que desaguam no mar da sala de aula. Investigar para intervir. Se barqueiros não navegam sem saber para onde vão, porque professores ensinariam sem conhecer as águas em que navega e as ondas que balançam seu barco?

Palavra-Chave: Geografia, Fenomenologia, Arte.
Instituição de Fomento: UFF.